

## O mal-estar na contemporaneidade: Algumas considerações psicanalíticas

Brunno Marcondes de Lima

**RESUMO:** O objetivo do presente artigo é analisar a questão do mal-estar na contemporaneidade, a partir de algumas reflexões realizadas dentro da perspectiva teórica da psicanálise. Para atingir esse objetivo, será realizada uma pesquisa descritiva, do tipo revisão bibliográfica, partindo do texto de Freud de 1929, *O mal-estar na civilização*, para em seguida levar em conta as contribuições de autores contemporâneos que trabalharam com o referencial teórico da psicanálise. Dentre esses autores, podemos destacar Bauman (1998), Birman (2007), Marcuse (1999) e autores pertencentes às chamadas escolas psicanalíticas de orientação lacaniana. De acordo com Freud (1996) o indivíduo civilizado experimenta uma espécie de mal-estar, um descontentamento em relação à civilização. Em última instância, este seria decorrente da repressão das pulsões e do sentimento de culpa ocasionado pela frustração da satisfação. Na contemporaneidade, essa repressão é dissimulada, trazendo uma impressão de liberdade e felicidade, mas submetendo o indivíduo ao que Marcuse chamou de princípio de desempenho (1999). A imposição de determinados modos de subjetivação regulados pelo consumo exposição, podem levar a uma exigência desmedida de gozo, produzindo aquilo que os psicanalistas chamam de sintomas contemporâneos (Barros, 2002; Birman, 2007). Uma melhor compreensão desses fenômenos é o que pretendemos neste artigo.

**PALAVRAS CHAVE:** psicanálise, mal-estar, contemporaneidade.

**ABSTRACT:** The purpose of this paper is to analyze the issue of malaise in contemporary times, from some reflections carried out within the theoretical perspective of psychoanalysis. To achieve this goal, a descriptive research will be carried out, the type literature review, based on the text of Freud, 1929, *The Malaise in Civilization*, to then take into account the contributions of contemporary authors who have worked with the psychoanalytic theoretical framework. Among these authors we can highlight Bauman (1998), Birman (2007), Marcuse (1999) and authors belonging to so-called psychoanalytic schools of Lacanian orientation. According to Freud (1996) civilized individual experiences a kind of malaise, discontent in relation to civilization. Ultimately, this would be due to the repression of drives and guilt caused by the frustration of satisfaction. In contemporary times, this repression is covert, bringing an impression of freedom and happiness, but subjecting the individual to what Marcuse called “performance principle” (1999). The imposition of certain modes of subjectivity regulated by the consumer exposure, can lead to excessive demand for enjoyment, yielding to what psychoanalysts call contemporary symptoms (Barros, 2002; Birman, 2007). A better understanding of these phenomena is what we intend in this article.

**KEYWORDS:** psychoanalysis, malaise, contemporary.

## **Introdução**

Uma das questões que permeiam o âmbito dos debates científicos, acadêmicos e políticos na atualidade é sobre a viabilidade de se efetuarem transformações que possam vir a contribuir para a melhoria da qualidade de vida da maioria da população do planeta. Tais discussões consideram aspectos diversos, tais como o ambiental, étnico, justiça social e outros. Parece que este tema torna-se relevante para o mundo atual, tendo em vista questões importantes que se apresentam e que envolvem diretamente a qualidade e até a continuidade da vida da espécie humana. Questões como a degradação ambiental pela influência da civilização, os conflitos étnico-religiosos, as desigualdades sociais e inclusive a ameaça atômica e terrorista, preocupam e suscitam debates. No campo da Psicologia, várias pesquisas buscam investigar quais os efeitos desses diversos fatores sobre a subjetividade dos indivíduos, sobre o seu modo de ser e perceber o mundo, seu modo de agir, seu gozo.

Essa temática foi também objeto de reflexão para muitos pensadores da tradição intelectual do conhecimento no Ocidente, que vislumbraram diferentes formas de se atingir o “bem comum”. Durante a época contemporânea, alguns pensadores realizaram uma análise crítica sobre determinados aspectos basilares do pensamento moderno, tais como a teoria do liberalismo econômico e a ênfase no racionalismo, podendo-se citar entre esses autores, pensadores como Karl Marx e Sigmund Freud, respectivamente. Este último foi autor de uma fecunda obra que veio influenciar de modo significativo o pensamento cultural do século XX, dentre outros aspectos devido à sua elaboração da idéia do inconsciente. Dentre os escritos de Freud, um dos mais marcantes sem dúvida é o ensaio de 1929 intitulado no Brasil de “O Mal-Estar na Civilização” (1996). Nele, o psicanalista vienense busca analisar a natureza dos descontentamentos dos indivíduos na civilização. Ele parte da afirmativa de que existe uma espécie de mal-estar que assola os indivíduos em sua vida civilizada.

Posteriormente a Freud, outros autores buscaram realizar uma releitura de algumas de suas proposições, visando atualizar de certa forma algumas questões que permeavam a época em que viveram. Uma dessas tentativas foi realizada pelo filósofo alemão Herbert Marcuse, que em meados da década de 1950, em sua obra “Eros e Civilização” (1999) pretendeu realizar uma interpretação filosófica do pensamento de Freud. Contrastando com outras interpretações da obra de Freud, nomeadas por Marcuse de revisionistas, o pensador alemão buscou identificar a tendência crítica inerente à psicanálise, através do que conceituou como sendo uma extrapolação de certos conceitos freudianos, destacando o papel da repressão a

serviço da dominação social e o princípio de desempenho na sociedade industrial como forma histórica predominante do princípio de realidade (MARCUSE, 1999) 1.

Nas últimas décadas, muitos estudos (BAUMAN, 1998; BIRMAN, 2007) têm se dedicado a refletir sobre o mal-estar contemporâneo, a partir de diferentes abordagens e enfoques, seja no campo da psicologia, psicanálise ou realizando algum nível de diálogo com a obra freudiana. Uma das questões que chama a atenção nesse debate é o tema dos processos de subjetivação vigentes na atualidade e quais os seus alcances e perspectivas. Entende-se que determinadas características da sociedade contemporânea contribuem significativamente, ou são determinantes, para a produção e vivência de uma subjetividade que em determinados aspectos levam o indivíduo a experimentar a sensação de mal-estar ou provocam algum tipo peculiar de sofrimento psíquico. Certas configurações ou características nas formas de entrelaçamento social na sociedade afluenta levariam a um tipo de padronização dos comportamentos, afetando diversas esferas da vida, e muitas vezes levando a uma automatização das reações, um “congelamento”, como afirma Marcuse (1999, p.67), da psicologia dos indivíduos. Autores como Deleuze e Guatarri (1996) e Rolnik (1996), apontaram para espaços possíveis de produção de subjetividades heterogêneas e formas de apreender as experiências do mundo atual a partir de uma lógica diversa daquela do mercado e da produção de subjetividades em série.

A proposta do presente artigo é analisar a questão do mal-estar e os modos de subjetivação na contemporaneidade, a partir da contribuição da psicanálise. Devemos levar em conta que ocorreram determinadas transformações nas sociedades industriais a partir da segunda metade do século XX, aproximadamente, que exigem uma leitura que possa tomar em consideração essas mudanças ocorridas e que levaram à forma atual do capitalismo globalizado.

O sociólogo polonês Zigmund Bauman, em seu livro “O Mal-Estar da pós-modernidade” (1998), parte de uma referência ao famoso texto de Freud para analisar quais as mudanças que ocorreram na sociedade desde a época desse escrito até a época atual, da sociedade de mercado e das novas tecnologias da informação. Os pensadores franceses Gilles Deleuze e Félix Guatarri, em alguns de seus livros, como em “Mil Platôs – Capitalismo e Esquizofrenia - Vol. 3” (1996) e “As Três Ecologias” (1990), este último somente de Guatarri, se dispõem a pensar que tipos de agenciamentos subjetivos podem ser tentados

---

1 Vale lembrar a crítica realizada por Bento Prado Jr. (1991, p.29-50) em relação à interpretação realizada por Marcuse, onde afirma que o pensador alemão teria superposto o “alvo” e o “objeto” da pulsão, introduzindo uma espécie de teleologia da Razão, onde o verdadeiro objeto do desejo é a humanidade universal, o *Telos* da história.

frente à subjetividade capitalística, não somente na dimensão macro de outra ordem política possível, como também, e talvez principalmente, no agenciamento ou criação de outros territórios existenciais. Outras contribuições que devem ser tomadas em consideração poderão ser encontradas em Birman (2007), Figueiredo (1998) e Rolnik (1996), dentre outros. Contamos também com a contribuição dos estudos psicológicos no campo da subjetividade e da importante reflexão realizada pelos psicanalistas contemporâneos. Esse é o universo conceitual em que procuraremos nos mover, o campo da subjetividade e dos processos de subjetivação contemporâneos, a partir do prisma psicanalítico.

### **Material e métodos**

Utilizar-se-á o método de pesquisa descritiva, do tipo revisão bibliográfica (ensaio); o material utilizado consistirá no texto clássico de Freud (1996), “O Mal-Estar na Civilização”, seguido dos textos de Marcuse (1999), “Eros e Civilização”, Bauman (1998), “O Mal-Estar na Pós-Modernidade”, além de autores contemporâneos que estabeleceram algum tipo de diálogo com a psicanálise, principalmente da chamada escola lacaniana.

### **Resultados e discussão**

Como fora comentado anteriormente, a questão do sofrimento e mal-estar coletivos aparece como uma das preocupações na atualidade. Questões que perduram já há muito tempo, mas que ainda não foram satisfatoriamente resolvidas, como a miséria e a fome, a violência gratuita, os conflitos armados, desemprego, o consumismo como fator de estratificação e exclusão na sociedade, constituem-se como fontes de ansiedades e sofrimento psíquico para muitas pessoas. Além disso, parece existirem determinados modos de produção de subjetividade que levam o indivíduo a uma conformação a certos modos de viver que resultam em vivências diversas, muitas delas provocadoras de ansiedade e sofrimento psíquico. Pesquisar sobre as formas que se apresentam os mal-estares na contemporaneidade pode ser-nos útil no sentido de ajudar a compreender quais são os modos de subjetivação que podem estar ocasionando esse mal-estar e como este se apresenta na vivência subjetiva dos indivíduos. Além disso, pode ser válido refletir sobre possíveis processos de subjetivação que se apresentam no cotidiano e no âmbito das práticas sociais, que parecem apontar para uma

perspectiva de singularidade na esfera subjetiva. Seria o caso, por exemplo, da “oferta” da psicanálise, que aposta na história do sujeito e na singularidade de seu sintoma em conexão com essa história. Determinados tipos de discurso que em alguns momentos se fazem presentes nas práticas sociais também parecem conter alguma forma de resistência a certos padrões de comportamento que são postos em evidência na sociedade por setores como a mídia, por exemplo. Talvez essa possa ser uma das possíveis contribuições de psicólogos e psicanalistas à sociedade: falar sobre os efeitos de determinadas configurações sociais sobre os indivíduos, investigar sobre o tipo(s) de sofrimento psíquico que acomete os indivíduos na sociedade atual. Dentro do campo da psicologia, portanto, interessam-nos a pesquisa sobre os modos de subjetivação na sociedade globalizada, modos esses que muitas das vezes são produzidos socialmente ou apresentam-se como resultado das relações sociais, e que parecem causar um tipo de sofrimento psíquico para os indivíduos que se inserem dentro desses determinados padrões de relações.

Alguns desses modos de subjetivação vigentes na atualidade parecem atrair a atenção e o desejo do indivíduo, levando-o a compartilhar de determinados esquemas de comportamento que embora pareçam “naturais”, estão inseridos em uma lógica própria. Essa lógica pode ser evidenciada através de certos tipos de discurso que circulam na sociedade, como nos ensinou Michel Foucault (1979), e também de certas práticas observadas na atualidade, tais como o consumismo, a banalização da violência e a fragilidade dos laços afetivos.

Vários estudos têm se preocupado nos últimos anos com as manifestações sintomáticas desse sofrimento. O próprio Freud (1996, p.146) apontava para a possibilidade de se realizarem estudos frutíferos nesse campo, que procurassem descobrir as relações entre um “superego cultural” e as disposições pulsionais nos indivíduos. Dentre outras questões, estudos atuais como os de Barros (2002), Birman (2007) e Santiago (1998), procuram levar em conta, as manifestações sintomáticas ditas características da época atual, tais como as depressões, as toxicomanias, a chamada síndrome do pânico, além dos sintomas contemporâneos que afetam o papel do masculino frente às transformações ocorridas na sociedade nas últimas décadas. Um dos questionamentos suscitado por Romildo do Rêgo Barros (2002, p.101) é saber se antes (na época de Freud) estávamos sob o regime de um “não faça”, e hoje estaríamos impelidos a um “faça”. De acordo com Birman (2003), o mal-estar nos dias de hoje se evidencia nos registros do corpo e da ação, enquanto que a dimensão da linguagem é empobrecida. A subjetividade contemporânea tem dificuldades para transformar dor em sofrimento, experiência que remete à alteridade, à interlocução do sujeito, enquanto

que a dor é autossuficiente. A partir das valiosas contribuições de autores como Guatarri e Rolnik (1993), parece ser também relevante pesquisar sobre os processos singulares de subjetivação que estão sendo experimentados, delineando algumas das tentativas e perspectivas nesse sentido.

Os estudos de Freud (1996) sobre o descontentamento dos indivíduos em relação à civilização abriram um leque de possibilidades para as pesquisas no âmbito da cultura e subjetividade. Considerado por alguns (BIRMAN, 2007) como uma poderosa análise sobre os impasses da modernidade, o texto de Freud de 1929 remete a uma discussão cara à humanidade: quais as reais possibilidades de felicidade para os indivíduos? Quais as dificuldades que se interpõe à realização plena do princípio do prazer? Qual a explicação para o mal-estar proveniente das relações entre os humanos, a saber, a inclinação para a agressão? São questionamentos para os quais Freud busca formular algumas hipóteses, complexas, que envolvem, por exemplo, a questão da pulsão de morte e o sentimento de culpa. Uma das hipóteses fundamentais de Freud no “Mal-Estar” é de que boa parte do descontentamento dos indivíduos em relação à civilização é consequência das exigências de restrições feitas por parte da civilização em relação às disposições pulsionais dos indivíduos. Na sociedade moderna, o sujeito teria trocado uma parcela de sua felicidade por um pouco de segurança. Para que possa progredir, a civilização exige mais e mais renúncias pulsionais, o que faz com que a infelicidade aumente. A hostilidade que o indivíduo desejaria dirigir à civilização é internalizada, voltando-se contra o ego, na forma do sentimento de culpa.

O pensamento do criador da psicanálise foi estudado por diversos autores, o que resultou em importantes contribuições para as investigações acerca da sociedade contemporânea. Basta citar, por exemplo, a releitura proposta por Marcuse (1999) e o mais recente estudo de Bauman (1998). Na visão de Marcuse (1999, p.51), o “princípio de desempenho” seria a forma histórica assumida pelo princípio de realidade na sociedade industrial. A proposição marcuseana é de que, às modificações históricas ocorridas ao longo do desenvolvimento da civilização, corresponderiam diferentes formas de princípio da realidade, o que implica em diferentes formas de administração das satisfações pulsionais. Como o progresso havia sido feito em grande parte na base de diluições à gratificação, marcado pela racionalidade da dominação (do ser humano e da natureza), “mais repressão” foi acrescida ao processo de desenvolvimento da civilização. Os interesses específicos de

dominação haviam gerado controles adicionais além daqueles necessários para a associação civilizada humana 2.

Algumas transformações que ocorreram nas sociedades industriais mais avançadas, principalmente a partir do período pós-guerra (segunda metade do século XX) parecem ter modificado a forma como os sujeitos experimentavam sua existência na sociedade. Essas mudanças provocam a emergência de novos modos de subjetivação, assim como novas formas de sofrimento psíquico e de tentativas de resistência. Alguns fatores de mudança mais evidentes foram os avanços da tecnologia em vários campos da atividade humana, que pode muito bem ser representado pelo desenvolvimento dos computadores e, posteriormente, das redes de comunicação globais. Os meios de comunicação em massa parecem ter assumido um papel destacado na subjetivação dos indivíduos. No plano político e econômico, destaca-se o esfacelamento da experiência socialista e uma quase hegemonia do modo de produção capitalista.

Os pilares dessa mudança já haviam sido descritos por Karl Marx no século XIX. A célebre passagem contida no “Manifesto Comunista” (1998, p.11), onde afirma que “tudo o que é sólido desmancha no ar”, é paradigmática nesse sentido. Para sobreviver, a burguesia e o sistema capitalista precisavam constantemente revolucionar os modos de produção. A velocidade dessas transformações, o desenvolvimento de forças produtivas cada vez mais eficientes do ponto de vista técnico, aliados à nova ordem política e econômica marcada pelo mercado mundial de bens de consumo e espirituais (idéias) representou uma revolução no modo de existir da humanidade. Os estudos de Marshall Berman (2007) vieram a corroborar com esse aspecto do pensamento de Marx, considerando-o como uma das formulações mais decisivas acerca da modernidade. Berman (2007) destaca a velocidade das transformações, a obsolescência e renovação constante de valores e práticas, de modo que se tem a sensação de estar à deriva, sem um porto seguro, pois o ritmo das mudanças é incessante.

Bauman (1998) refere-se à “sociedade pós-moderna” a fim de situar a época contemporânea em relação ao período moderno. Uma das características marcantes da pós-modernidade seriam a privatização e a desregulamentação. A primeira idéia sugere que a responsabilidade por manter-se é agora tarefa do indivíduo, já que o conceito do Estado de bem-estar social foi em parte desmantelado, e “[...] a tarefa de lidar com os riscos

---

2 Importante ressaltar a contribuição dos estudos de Michel Foucault (1979) para a compreensão dos mecanismos e do exercício de poder na sociedade moderna. Mais do que a dominação exercida por uma classe dominante, através da Ideologia, por exemplo, o autor francês destaca o papel dos discursos e práticas que circulam na sociedade, o regime de verdade desses discursos que incidem sobre os corpos dos sujeitos de modo à discipliná-los.

coletivamente produzidos foi *privatizada*” (BAUMAN, 1998, p.52, grifo do autor). Já a desregulamentação aponta para o fato de que as normas estariam mais flexíveis, as garantias mais fluidas, já que muitas das decisões importantes para a vida social estariam atreladas a questões econômicas e à flutuação do mercado. Um exemplo claro é a proposta de flexibilização das leis de trabalho. Àqueles que não conseguem se inserir na lógica do consumo vigente na sociedade resta à exclusão: são os “consumidores falhos” (BAUMAN, 1998, p.24). Estes não são como outrora considerados “exército de reserva” para as fileiras do capitalismo, mas a impureza pós-moderna, o refugio da sociedade.

A liberdade de escolha para estas pessoas é limitada, tornando-se fator de estratificação, um dos mais poderosos, na sociedade contemporânea. Mesmo aqueles que não possuem recursos suficientes para consumir, estão submetidos à influência da sedução do mercado. A polarização crescente na sociedade se revela no aumento dos índices de criminalidade, aumento no número de prisões e de presos. A liberdade de consumo coexistindo com uma distribuição desigual dos meios individualmente possuídos para esse fim, gerou um amargo sentimento de insegurança para aqueles que podem consumir.

Realizando um diálogo com Freud, Bauman (1998) afirma que o mal-estar atual é diferente daquele do final da década de 20, uma sociedade em que os indivíduos teriam cedido uma parcela de sua liberdade em troca de um pouco de segurança. De acordo com os estudos de Bauman (1998, p.157),

*Das Unbehagen in der Postmoderne* - os mal-estares, aflições e ansiedades típicos do mundo pós-moderno – resulta do gênero de sociedade que oferece cada vez mais liberdade individual ao preço de cada vez menos segurança. Os mal-estares pós-modernos nascem da liberdade em vez da opressão (grifo do autor).

A crescente liberdade gera também uma incerteza quanto às escolhas. Mas diferentemente das incertezas modernas, concentradas na identidade individual, a insegurança pós-moderna possui um caráter existencial (BAUMAN, 1998, p.221). Ela estaria relacionada, dentre outras questões, ao medo de perder uma oportunidade dentre as várias possibilidades de escolha que se apresentam, à busca de viver intensamente as experiências e as sensações. A experiência da liberdade, que implica escolha, gera a incerteza, insegurança, desconfiança da potência de si - mesmo. O autor descreve os tormentos experimentados pelos indivíduos nessas condições como estando relacionados a um sentimento nocivo, árduo e repugnante de contínua incerteza no que diz respeito ao futuro (BAUMAN, 1998, p.239). O ritmo de



mudanças rápidas e aceleradas deixa entrever apenas que o futuro é incerto, e que não será como o presente.

Ao referir-se a “psicopatologia da pós-modernidade”, Birman (2007, p.168) afirma ser esta caracterizada por “[...] certas modalidades privilegiadas de funcionamento psicopatológico, nas quais é sempre o fracasso do indivíduo em realizar a glorificação do eu e a estetização da existência que está em pauta”. Para este autor, é em torno do “autocentramento” e da “exaltação do indivíduo” que está organizada a cultura do narcisismo na atualidade (BIRMAN, 2007, p.169). Porém, diferentemente da modernidade do século XIX, por exemplo, este autocentramento é fundado na **exterioridade** (em detrimento da interioridade), e é valorizado socialmente. Na cultura do espetáculo (DEBORD *apud* BIRMAN, 2007) o indivíduo encontra modalidades de existir em que pode gozar com a admiração que provoca no olhar do outro.

Autores como Santiago (1998) já apontavam a questão de uma crise dos referenciais paternos. Para a escola lacaniana de psicanálise, o referencial paterno simboliza a castração, a lei, a imposição de limites. Ao que parece, Marx (1998), bem como os autores da pós-modernidade identificaram muito bem esse caráter fluido da sociedade contemporânea. Seria como se os valores tradicionais tivesse perdido a força, deixado de serem norteadores importantes para a identificação dos indivíduos. Diante dessas “vacilações do simbólico”, o sujeito contemporâneo parece desnorteado. É o que aponta o analista lacaniano Sergio Laia (2012, p.61):

Parece-me possível sustentar que, quanto ao simbólico, onde tínhamos antes um referencial, um norteamento, teremos agora vacilações (...) A crença de que, devido às grandes variações contemporâneas, não estamos mais sob ordem alguma é o que motiva o sofrimento de muitos de nossos pacientes.

Esse autor questiona se para além dessas variações, o tema predominante em alguns desses tipos de sofrimento não se manteriam os mesmos, desde a época de Freud: o mesmo tema, por exemplo, a questão sexual, porém apresentando-se de forma qualitativamente diferente - lembrando Barros (2002), se antes era um “não faça”, parece existir agora um imperativo da ordem do “faça”.

Mas de onde vêm esse imperativo de “gozo”, para utilizar um conceito de Lacan? Segundo Miller (2004), esse imperativo corresponderia à “subida do *objeto a* ao Zênite social”. O “objeto a”, para Lacan (1992 *apud* DIAS, 2008), corresponderia ao “objeto perdido”, resultado da inscrição do sujeito no universo da linguagem enquanto um sujeito

dividido. Pode ser entendido como o objeto que está na fantasia do sujeito, que captura o seu desejo. Ora, a sociedade contemporânea é a própria sociedade de consumo (Bauman, 1998), que impõe ao sujeito as “falsas necessidades”, no dizer de Marcuse (1999 *apud* GUSTIN, 1999): amar e odiar o que os outros amam e odeiam; consumir o que está na “moda” e ter um desempenho destacado em todas as esferas da vida. Esta sociedade, mediada pelos aparatos midiáticos, explora ao máximo a necessidade do sujeito de encontrar o “objeto perdido” que supostamente poderia garantir a satisfação do desejo, que poderia tamponar a falta; desse modo, a sociedade de consumo “oferece” aos indivíduos pseudo-objetos que possibilitariam esta satisfação. É o que Lacan (*apud* Dias, 2008) irá chamar de “mais-de-gozar”, que é o equivalente da “mais-valia” marxista:

O que Marx denuncia na mais-valia é a espoliação do gozo. No entanto, essa mais-valia (...) é o seu equivalente do mais-de-gozar. A sociedade de consumidores adquire seu sentido quando ao elemento (...) que se qualifica como humano se dá o equivalente homogêneo de um mais-de-gozar qualquer, que é o produto de nossa indústria, um mais-de-gozar – para dizer de uma vez – forjado.

É no vazio deixado pelo objeto perdido, que vêm, no dizer de Dias (2008), “alojar-se certo número de objetos que funcionam como tampão da falta de gozo”, objetos produzidos pela indústria e pela ciência. O registro do “objeto a” é estendido para além dos objetos naturais; No dizer da referida autora, pode-se ver uma “(...) proliferação de objetos feitos para causar o desejo e obturar a falta, gerando novas formas de gozo” (DIAS, 2008).

Retomando Miller (2004), podemos dizer que esse “mais-de-gozar” ascendeu ao lugar dominante na sociedade:

A ditadura do mais-de-gozar devasta a natureza, faz romper os casamentos, dispersa a família, remaneja o corpo, não apenas nos aspectos da cirurgia estética, ou da dieta – um estilo de vida anoréxico, como dizia Dominique Laurent -, ela realiza também uma intervenção muito mais profunda sobre o corpo.

Percebemos que a chamada “ditadura do mais-de-gozar” impõe determinados modos de subjetivação ao sujeito, modos esses que são altamente ansiogênicos: é preciso “experimentar” e “variar” no campo das relações sexuais, sempre buscando novas sensações (BAUMAN, 1998); é preciso seguir um determinado padrão de beleza; é preciso destacar-se na vida social, nos ganhos financeiros, nas aquisições materiais. Ao não alcançar esses objetivos (ou objetos ofertados como “mais-de-gozar”) o sujeito sente-se frustrado. Retorna o mal-estar que Freud (1996) descreveu em seu texto de 1929. Essa frustração mobiliza a

pulsão destrutiva que, ou será exteriorizada na forma de agressividade, ou será investida contra o próprio eu, na forma de sentimento de culpa.

Como foi dito por Birman (2003), o mal-estar contemporâneo atingirá diretamente o corpo e as ações do sujeito. A dimensão simbólica, outrora reservada ao sintoma fica empobrecida. O que se vê, são experiências de automutilação, suicídio, violência gratuita, abuso de substâncias, transtornos alimentares e ansiedade generalizada. As “passagens ao ato” do tipo tentativas de suicídio são cada vez mais frequentes. Diante de tais condições, pode-se levantar o seguinte questionamento: que saída(s) para o mal-estar contemporâneo? De que modo (s) pode vir o sujeito a “salvar-se a si mesmo” ou “cultivar o próprio jardim”, para usar uma expressão do próprio Freud em seu texto clássico de 1929? Longe de esgotar tais questões, resta-nos, nas considerações finais deste artigo, apontar para alguns caminhos que posteriormente merecem estudos mais aprofundados.

### **Considerações finais**

Refletindo sobre tais proposições e retomando algumas das características das subjetividades na sociedade atual destacadas por Bauman (1998, p.22-23), como são os casos da busca pelas sensações cada vez mais intensas e sempre novas experiências, cabe-nos a pergunta: como os sujeitos se relacionam com esse imperativo? Quais “regiões” do campo subjetivo dos indivíduos poderiam estar resguardadas da influência de determinados modos de produção das subjetividades contemporâneas? Que atitudes podem ser observadas no cotidiano da produção de subjetividades que revelam uma lógica diferente da racionalidade promovida pela sociedade de mercado?

Partimos da hipótese de que além das subjetividades produzidas em série nas sociedades industriais mais avançadas, e também nas emergentes, existem indícios de comportamentos de resistência a esses padrões, no nível individual, das micro-relações, como também pode haver certas manifestações desse tipo em relação à dimensão coletiva. Uma dessas contribuições pode ser encontrada nas proposições de Guatarri e Rolnik (1993, p16) quando afirma que:

A essa máquina de produção de subjetividade eu oporia a ideia de que é possível desenvolver modos de subjetivação singulares, aquilo que poderíamos chamar de “processos de singularização”: uma maneira de recusar todos esses modos de encodificação preestabelecidos, [...] recusá-los para construir, de certa forma, modos de sensibilidade, modos de relação com o outro, modos de produção, modos de criatividade que produzam uma subjetividade singular.

Compreendemos que em relação aos indivíduos podem existir determinados “níveis” de conformação e de resistência, ou seja, o indivíduo não se enquadra completamente aos padrões estabelecidos, nem tampouco consegue escapar completamente a certas determinações. A questão do desejo parece marcada por múltiplos agenciamentos, “fluxos de intensidades” nas palavras de Deleuze e Guatarri (1996), fantasias que povoam o imaginário do indivíduo e que podem estar sendo mais ou menos reguladas socialmente. Também reconhecemos que seria impossível eliminar todo o mal-estar da subjetividade do indivíduo, pois de certa forma tal mal-estar pode também ser considerado como constitutivo dessa mesma subjetividade. É algo do qual o indivíduo não pode absolutamente escapar desde o momento em que ingressa no universo da linguagem, mas que também deve ser analisado dentro de certos limites históricos, como tentou demonstrar Herbert Marcuse (1999) através do conceito de mais-repressão. A questão seria investigar a que respondem determinadas formas de subjetivação encontradas na contemporaneidade, analisando a natureza desses processos e sua implicação para a vivência subjetiva dos indivíduos. Deve-se levar em conta também que esse processo é diferente em países que estariam na era pós-industrial e países emergentes, assim como em cada região dentro desses países e mesmo dependendo da história de vida de cada indivíduo. Mas algumas tendências talvez possam ser apontadas. O fundamento teórico para essa hipótese poderá ser encontrado na literatura especializada na área e nos autores que se dedicaram a pensar essas relações dentro do campo de estudo da psicologia clínica e das subjetividades, mais especificamente a partir da psicanálise.

Em relação a esta última, cabe-nos destacar que a oferta da psicanálise, coloca-se justamente na via contrária à produção de subjetividades homogêneas, pois esta oferta se baseia na ética de cada caso, na singularidade de cada sujeito. É na sua história e no modo como vivenciou essa história, juntamente com as implicações resultantes, que este sujeito poderá encontrar um sentido para o seu sintoma. E ao encontrar este sentido, talvez possa fazer com que a libido entre num outro circuito, diferente da “compulsão à repetição” (FREUD, 2010) característica do sintoma, resultando deste modo, ao menos como possibilidade, na perspectiva de uma vida mais plena, ou numa condição mais autônoma para decidir que caminhos seguir.

## Referências

- BARROS, R. R. **De que corpo se trata**. In: Clique / Revista dos Institutos Brasileiros de Psicanálise do campo Freudiano, n.1, p.96-103. [S.L.]: [s.n.], Abril / 2002.
- BAUMAN, Z. **O mal-estar na pós-modernidade**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 1998.
- BIRMAN, J. **Mal-estar na atualidade**: a psicanálise e as novas formas de subjetivação. 6. ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2007.
- BIRMAN, J. **Dor e sofrimento num mundo sem mediação**. ESTADOS GERAIS DA PSICANÁLISE: II ENCONTRO MUNDIAL. Rio de Janeiro: [s.n.], 2003. Disponível em: <[http://www.estadosgerais.org/mundial\\_rj/download/5c\\_Birman\\_02230503\\_port.pdf](http://www.estadosgerais.org/mundial_rj/download/5c_Birman_02230503_port.pdf)>. Acesso em: 13 Jul. 2009.
- DELEUZE, G.; GUATARRI, F. **Mil platôs**: capitalismo e esquizofrenia. Vol.3. São Paulo: Ed. 34, 1996.
- DIAS, M. G. L. V. **Do gozo fálico ao gozo do Outro**. Ágora: Estudos em Teoria Psicanalítica. RJ, Vol. 11, n. 2, 2008. Disponível em: [http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S1516-14982008000200006](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1516-14982008000200006). Acesso em: 19/05/2015.
- FIGUEIREDO, L. C. **Mal-Estar e Subjetividade Brasileira**. Revista Mal-Estar e Subjetividade, Fortaleza, CE, v.1, n.1, p.57-72, SET. 2001. Disponível em: <[http://pepsic.bvs-psi.org.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S1518-1482001000100004&lng=pt&nrm=iso](http://pepsic.bvs-psi.org.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1518-1482001000100004&lng=pt&nrm=iso)>. Acesso em: 24 Jul. 2009.
- FOUCAULT, M. **Microfísica do poder**. Rio de Janeiro: Edições Graal, 1979.
- FREUD, S. **O Mal-Estar na Civilização**. In: Obras psicológicas completas de Sigmund Freud: edição *standard* brasileira. Rio de Janeiro: Imago, 1996. vol.21, p. 67-148.
- FREUD, S. **Recordar, repetir e elaborar**. In: Obras completas, vol.10. SP: Companhia das Letras, 2010.
- GUATARRI, F.; ROLNIK, S. **Micropolítica**: Cartografias do Desejo. Rio de Janeiro: Vozes, 1993.
- GUATARRI, F. **As três ecologias**. 17. ed. Campinas, SP: Papirus, 1990.
- GUSTIN, M. **Das necessidades humanas aos direitos**: ensaio de sociologia e filosofia do direito. Belo Horizonte, MG: Del Rey, 1999.
- LAIA, S. (2012). A presença do analista nas variações da vida contemporânea. In: **Falasser / Revista da Delegação Paraíba**. Campina Grande, PB, nº 6, Ano 2012. Equipe Editorial e Serviços Ltda., 2012.

MARCUSE, H. **Eros e civilização**. Rio de Janeiro: LTC, 1999.

MARX, K.; ENGELS, F. **O Manifesto Comunista 150 anos depois**. Rio de Janeiro: Contraponto; São Paulo: Fundação Perseu Abramo, 1998.

MILLER, J.A. **Uma Fantasia**. Conferência de Jacques-Alain Miller em Comandatuba – por Jacques-Alain Miller. IV CONGRESSO AMP – Comandatuba, 2004. (Tradução e estabelecimento do texto: Vera Avellar Ribeiro).

PRADO, B, JR. (Org.). **Entre o alvo e o objeto do desejo**: Marcuse, crítico de Freud. In: Filosofia da Psicanálise. São Paulo: Brasiliense, 1991. p. 28-50.

ROLNIK, S. **Esquizoanálise e Antropofagia**. In: Texto apresentado no COLÓQUIO ENCONTROS INTERNACIONAIS GILLES DELEUZE, 10-14 de junho de 1996, Brasil.

Disponível em:

<<http://stoa.usp.br/gustavob/files/1186/6773/Esquizoan%C3%A1lise+e+Antropofagia.pdf>>.

Acesso em: 24 Ago. 2009.

SANTIAGO, J. **Sintomas contemporâneos no masculino**. In: 1º Congresso da Associação Mundial de Psicanálise, 1998, Barcelona, Espanha. Relatório redigido sob a responsabilidade da Sessão Minas Gerais da Escola Brasileira de Psicanálise.

#### **Fontes consultadas**

BERMAN, M. **Tudo que é sólido desmancha no ar**: a aventura da modernidade. São Paulo: Companhia das Letras, 2007.

ELIAS, N. **A sociedade dos indivíduos**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 1994. p. 11-60.

FREUD, S. **O Futuro de Uma Ilusão**. In: Obras psicológicas completas de Sigmund Freud: edição *standard* brasileira. 2. ed., vol. 21. Rio de Janeiro: Imago, 1987. p. 13-63.

FREUD, S. **Reflexões para os tempos de Guerra e Morte**. In: Obras psicológicas completas de Sigmund Freud: edição *standard* brasileira. Vol. 14. Rio de Janeiro: Imago, 1974. p. 309-339.

FURTADO, O.; GONZÁLEZ REY, F. L. (Org.). **Por uma epistemologia da subjetividade**: um debate entre a teoria sócio histórica e a teoria das representações sociais. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2002.

GIDDENS, A. **As conseqüências da modernidade**. São Paulo: Editora UNESP, 1991.

HALL, S. **A identidade cultural na pós-modernidade**. 11. ed. Rio de Janeiro: DP&A, 2006.

KAPLAN, E (Org.). **O mal-estar no pós-modernismo**: Teorias e práticas. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 1993.